

- LXXVIII -**NEOLIBERALIZAÇÃO E POLÍTICA EDUCACIONAL:
EXPERIMENTOS REGULATÓRIOS EM EMERSÃO**

Eliel da Silva Moura
PPGEd-UFF/NUGEPPE-UFF
elielsmoura@gmail.com

Mônica Alves Sally
NUGEPPE-UFF
monicaalvessally@gmail.com

A investigação em andamento se insere nos debates teóricos que analisam os efeitos das transformações ocorridas a partir do processo de reestruturação capitalista de fins do século XX no campo educacional (LEHER, 1999; SANDER, 2008; SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA 2011). Preocupa-se principalmente com a tendência hegemônica daí emergida que trabalha paulatinamente para ampliação da disciplina de mercado e comodificação das mais diversas esferas da vida em sociedade. Desde nossa perspectiva, um conceito basilar que acompanhará esta reflexão é a ideia de neoliberalismo como processo, na perspectiva do que tem se chamado de neoliberalização, a saber, fenômeno historicamente delimitado, que se desenvolve de forma desigual, híbrida mas também padronizada de reestruturação regulatória disciplinada pelo mercado (BRENNER, PECK E THEODORE, 2012).

De posse de intrincado sistema de legitimação e justificação, a neoliberalização não se furta, inclusive, em contradizer princípios de sua própria retórica para garantir a expansão da lógica de mercado. Tal característica, longe de enfraquecer o conjunto de suas ideias, estabeleceu uma tensão criativa que a mantém como germe transformador ao longo de suas mais de três décadas de incidência. A neoliberalização não se furtou, no limiar destas tensões, a produzir também uma destruição criativa que desafiou formas tradicionais de poder, arcabouços institucionais, aspectos da divisão do trabalho, relações sociais, tecnologia, modos de vida, pensamento e hábitos (HARVEY, 2005)

O padrão de reestruturação regulatória a que fazemos menção reconhece as formas contextualmente específicas e interligadas a trajetórias locais, mas não perde de vista que

“raramente se originam de um único local” e “suas consequências político-institucionais geralmente transcendem qualquer contexto” (BRENNER; PECK; THEODORE; 2012, p. 22). Dada a forma dinâmica e contraditória com que isto é desenvolvido, em interface com outros desenhos organizacionais e paradigmas (na ideia de *tendência e contratendência*), produz oscilações no peso relativo de diferentes tipos de coordenação e modos de fazer política (JESSOP, 2002; 2013). Com isto queremos ponderar que, se é vão o exercício de buscar o neoliberalismo em estado puro, já que se amalgama parasitariamente a práticas e trajetórias regulatórias diversas, ao fim e ao cabo conduz a um certo padrão de mercantilização da vida indelével.

A neoliberalização persiste há mais de 30 anos enquanto modelo sob o qual se vê e se comporta no mundo. Entretanto, a força desta tendência histórica não pode ser entendida apenas a partir das últimas décadas, mas pelas suas origens mais profundas, enquanto um "excepcional extrato purificado" de uma série de confrontos, tensões e escolhas civilizatórias desencadeadas ao longo da história da sociedade ocidental (LANDER, 2005). Assim, como síntese hegemônica, busca apaziguar as contradições e disputas que foram inerentes a este processo. O sucesso de tal empreitada veio no esteio de importantes modificações nas relações de poder, que aí sim foram desencadeadas nas últimas décadas.

Tal movimento tem reorganizado instituições de Estado outrora não alcançadas diretamente pela lógica mercantil. Do nosso ponto de vista, tais mudanças fazem florescer novos experimentos regulatórios que se disseminam pelo mundo e atingem também o campo educacional. Neste específico, nos interessa o papel das políticas educacionais enquanto dinamizadoras de processos de neoliberalização e meio pelo qual tem ocorrido reformas nos sistemas públicos de educação. Enquanto aspecto chave no cenário econômico competitivo, os resultados educacionais passam a ser controlados sobre a perspectiva de conhecimentos, habilidades e competências que servem ao atual momento de desenvolvimento do capital. Mas a introdução da lógica de mercado e das práticas corporativas não operam somente nos governos e nas políticas, mas também nos governados (CURY, 2017). Este movimento, que se expande para além das práticas comerciais e se imbrica nas relações humanas, aprofunda os desafios de compreensão da neoliberalização.

A emersão de experimentos regulatórios, a saber, projetos específicos elaborados "para impor, intensificar ou reproduzir modalidades de governança disciplinadas pelo mercado" (BRENNER; PECK; THEODORE, 2012, p. 24) trazem consigo a já mencionada *destruição criativa* (HARVEY, 2005), na medida em que abala arranjos não alcançados pela comodificação e germina novos arcaouços políticos-institucionais pró-mercado. Olmedo,

Bailey e Ball (2013) ao analisarem um destes experimentos, uma rede internacional de educação, a *Teach for All*, conceberam-na como uma rede de políticas para reformas educacionais de mercado cujos diversos atores, alinhados e interdependentes, operam contribuindo com uma dupla missão. A primeira tem o caráter estruturante e está ligada ao aspecto econômico de expansão de mercados educacionais pela ideia de livre escolha e livres mercados. Por um segundo enfoque, enquanto o realiza, produz também um modelo de autorregulação e empreendedorismo, na ideia de um governo da sociedade. Assim, com a economização da sociedade, se estabelece também uma governança que muda o próprio olhar e entendimento do que seja educação.

Portanto, o esforço teórico para compreender as diversas propostas de reforma dos sistemas de ensino, e o papel de uma miríade de organizações não governamentais e redes globais de educação que se multiplicam no horizonte de disputas pelo sentido das políticas educacionais, precisará atentar para o fenômeno da neoliberalização enquanto processo fluido. Movimento articulado de maneira dispare, sustentado sempre em outras trajetórias regulatórias, contextualmente localizadas. Da mesma forma, não pode ser disseminado através de um único centro ou área de comando senão constituída de modo *relacional*, *policêntrico* e *múltiplo*, em diferentes espaços e escalas (PECK; THEODORE; BRENNER, 2012).

REFERÊNCIAS

BRENNER, Neil; PECK, Jamie; THEODORE, Nik. Após a neoliberalização?. **Cadernos Metrópole**, v. 14, n. 27, 2012.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A globalização e os desafios para os sistemas nacionais: agenda internacional e práticas educacionais nacionais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-Periódico científico editado pela ANPAE**, v. 33, n. 1, p. 15-34, 2017.

HARVEY, David. **NeoLiberalism**: A brief history. Oxford University press, 2005.

JESSOP, Bob. Liberalism, neoliberalism, and urban governance: A state-theoretical perspective. **Antipode**, v. 34, n. 3, p. 452-472, 2002. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781444397499.ch5/summary>> Acesso em 05 jan. 2018.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos In: LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005, p. 8-23.

LEHER, Roberto. Um novo senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo. **Outubro**, v. 1, n. 3, p. 19-30, 1999.

OLMEDO, Antonio; BAILEY, Patrick LJ; BALL, Stephen J. To Infinity and Beyond...: heterarchical governance, the Teach For All network in Europe and the making of profits and minds. **European Educational Research Journal**, v. 12, n. 4, p. 492-512, 2013.

SANDER, Benno. Educação na América Latina: identidade e globalização. **Educação**, v. 31, n. 2, 2008.

SHIROMA, Eneida Oto; DE MORAES, Maria Célia Marcondes; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2011.